

em si a própria evidência dos entrevistados. É preciso lembrar, aliás, que, de um modo geral, a identificação do povo com o Islão não faz parte do discurso hegemónico da revolução, do discurso dos religiosos, para quem essa identificação se aproxima da blasfémia, pois não há religião senão numa interpretação sábia dos textos. Para os religiosos, o verdadeiro Islão só se identifica com o clero, que detém o saber e, portanto, a chave do sagrado; o povo só é muçulmano se se submeter à autoridade dos doutos.

Se a origem da revolução está pouco ligada, no discurso dos jovens das classes populares, ao termo Islão, ela está frequente e amplamente ligada ao termo *harhe*, noção islâmica central e polisémica, uma das acepções da qual é fortemente acentuada pelas classes populares. De tal maneira que podemos considerar que a associação revolução + Islão + *harhe* está sempre presente.

Os jovens, protagonistas da revolução, não dizem explicitamente que o Islão é a fonte da revolução, porque falam do interior do Islão, falam enquanto seres com uma cultura islâmica. Afirmam antes de tudo a sua existência social e política, uma existência de homens e mulheres do Islão. Afirmam o seu direito, a presença do seu direito na vida quotidiana como realidade de ora em diante incontornável. O desaparecimento do Antigo Regime, a constituição de uma sociedade nova, é ou virá a ser a consequência imediata e inevitável deste acto primordial. ■

Pirouz Eftekhari

---

Jonathan H. Turner (com contribuições de Alexandra Maryanski e Stephan Fuchs). *The Structure of Sociological Theory*, California, Wadsworth Publishing Company, 5.<sup>a</sup> edição, 1991

---

Jonathan Turner, juntamente com Anthony Giddens, Jeffrey Alexander, Randall Collins, entre outros, constitui uma referência indispensável para o conhecimento dos actuais percursos da teoria sociológica. Dentre a sua vasta obra cumpre destacar, para além daquela que será

objecto da nossa atenção especial, *The Structure of Sociological Theory* (1974), *The Emergence of Sociological Theory* (1981), *A Theory of Social Interaction* (1988) e as antologias *Social Theory Today* (1987), preparada com A. Giddens, e *Theory Building in Sociology* (1989).

Não sendo este o momento nem a nossa intenção fazer uma análise mais detalhada destas obras, propomo-nos aqui apenas assinalar o aparecimento recente de uma nova edição — a quinta — de *The Structure of Sociological Theory* (1991).

Trata-se do desenvolvimento mais recente de um trabalho que leva já quase 20 anos e em que o autor incorpora algumas das mudanças ocorridas nas teorias sociológicas, actualizando e enriquecendo a sua versão original. Em relação à edição anterior, de 1986, esta apresenta, entre outras novidades, alguns novos capítulos sobre a teoria geral dos sistemas, a ecologia humana, a dramaturgia, a "network analysis" e o estruturalismo.

Reconhecendo a impossibilidade de cobrir todas as perspectivas teóricas e a obra de todos os teóricos do mundo da sociologia, o autor propõe-se analisar em detalhe apenas aquelas que considera as principais abordagens da sociologia contemporânea (Turner dedica aos clássicos a sua obra *The Emergence of Sociological Theory*).

Estamos perante um manual "maduro" e de leitura difícil que ultrapassa o nível dos manuais de divulgação que procuram apenas tornar acessível ao grande público as teorias sociológicas.

Sem se deter na análise pormenorizada dos tópicos que normalmente constituem os inventários sociológicos (ex. desvio social, família, urbanização, sistemas mundiais, etc.), Turner organiza o seu livro em torno de cinco perspectivas gerais — o funcionalismo, o conflito, a troca, o interaccionismo e a teorização estrutural — escolhendo dentro delas as teorias e os teorizadores mais importantes.

A estratégia que, no seu entendimento, deve orientar o trabalho teórico aparece referida nos capítulos finais. A ideia de que é necessário derrubar algumas das barreiras que separam e dividem os teóricos na sociologia vai explicar a sua proposta de desenvolver as teorias de análise macro, meso e micro, no quadro das teorias estudadas ao longo das cinco

partes do livro, como base para uma síntese (cfr. pág. viii).

A teoria — di-lo o autor — é uma 'história' do como e do porquê dos acontecimentos que ocorrem no universo. Em particular, a teoria sociológica procura explicar esse como e esse porquê relativamente ao comportamento, à interacção e à organização dos seres humanos (pág. 1). Deste modo, Turner inicia o primeiro capítulo, onde se propõe fazer uma análise dos vários elementos que formam a teoria sociológica, discorrendo nomeadamente sobre o estatuto científico da sociologia e sobre o potencial das perspectivas analíticas para a construção de uma teoria sociológica, concluindo com um breve balanço acerca do "estado" actual da teoria sociológica. De realçar a ideia, cara ao autor, de que não se pode falar apenas de um tipo de conformação teórica (*theoretical format*), mas de vários, sendo que alguns se apresentam como mais predominantes, embora não suficientemente precisos para se constituírem em paradigma (cfr. pág. 30). Turner permanece optimista acerca das capacidades da teoria sociológica para desenvolver conhecimento útil sobre o universo social, apesar de reconhecer que a teorização sociológica está ainda na sua "infância intelectual" e que muito daquilo a que se chama teoria é na realidade apenas um conjunto desordenado de pressupostos implícitos, alguns conceitos básicos e vários tipos de afirmações e de conformações teóricas (pág. 29).

Segue-se, de acordo com a sistematização a que se aludiu, um vasto conjunto de capítulos, dedicados aos principais teorizadores da sociologia contemporânea, constituindo as cinco partes da obra a que correspondem outras tantas grandes perspectivas teóricas. Assim, numa primeira parte, acerca das correntes funcionalistas, Turner aborda sucessivamente o funcionalismo analítico de Parsons, o funcionalismo empírico de Merton, o neo-funcionalismo de Luhmann, o funcionalismo ecológico de Hawley e o funcionalismo biológico Van den Berghe. Na segunda parte, sobre a teorização do conflito, ele estuda a teoria dialéctica de Dahrendorf, a abordagem funcionalista de Coser, a teoria da troca de Collins e, finalmente, a teoria crítica de Habermas. A terceira parte, versando a teorização da troca (*exchange theorizing*) começa com o *behaviourismo* de Homans, passa para a teoria estrutural Blau e finaliza com a teoria da escolha

racional de Hechter. O estudo da teorização interaccionista desenvolve-se na quarta parte, sob a égide dos trabalhos de George H. Mead e vai debruçar-se sobre o interaccionismo simbólico de Blumer e Manford Kuhn, o *process role* de Ralph H. Turner e a teoria dramaturgica de Goffman, concluindo, num capítulo final, com uma abordagem da etnometodologia. A quinta e última parte é dedicada à teorização estrutural. Aí se trata do estruturalismo cultural de Wuthnow e de Bourdieu, da teoria da estruturação de Giddens, da "network analysis" e da teoria macro-estrutural de Blau.

A parte final de obra desenvolve um conjunto de considerações e de propostas para orientar o trabalho teórico, tendo como pano de fundo a ideia de que a "sociologia pode ser como qualquer outra ciência natural" (pág. 585). Para isso, torna-se necessário devolver aos filósofos o ceticismo, que ensombrou a teorização sociológica, quanto à possibilidade de um conhecimento social livre da filtragem "das lentes cor-de-rosa do subjectivismo, da cultura, da ideologia e de outros prismas distorcedores" (*ibid.*). A partir daqui, Turner aponta a necessidade de desenvolver uma noção de síntese teórica que não constitua nem uma visão acabada acerca do funcionamento do universo social, nem apenas um ajustamento elegante das várias perspectivas teóricas. Reconhecendo a modéstia do seu objectivo, a produção dessa síntese passa, segundo ele, por algumas tarefas, a saber: "1) sugerir as propriedades do universo social que devem constituir o cerne das nossas teorias; 2) indicar as proposições e conceitos que na teoria actual melhor permitem evidenciar a importante dinâmica destas propriedades; 3) oferecer um esquema provisório que mostre como estes avanços teóricos se podem organizar num corpus coerente de modelos e princípios teóricos" (pág. 585).

O autor faz ancorar a noção de "síntese teórica" em dois pilares fundamentais: o do legado "dos gigantes da sociologia" e o dos domínios de teorização. Quanto ao primeiro, Turner, contrariando a tese de Merton de que a sociologia "ainda não encontrou o seu Kepler, para não falar dos seus Newton, Laplace, Gibbs, Maxwell ou Planck" (pág. 586), não tem dúvidas em considerar Spencer, Marx, Durkheim, Mead, Pareto, Weber, Simmel e outros como sendo os equivalentes, na Sociologia, daqueles gigantes da Física

(pág. 586). Para ele, muitas das propriedades básicas do nosso universo social foram descobertas por estes autores, tendo cada um deles legado um ponto de partida sólido para compreendermos a dinâmica dessas propriedades (cfr. pág. 586). Por isso, os teóricos contemporâneos continuam ainda "a apoiar-se nos ombros de gigantes" (pág. 587) e, por isso também, a estratégia de construção e investigação teórica terá de se desenvolver a partir dos trabalhos dos "clássicos" e em torno da síntese dos trabalhos dos sociólogos contemporâneos.

Os "domínios de teorização" constituem o segundo pilar em que deverá ancorar a síntese teórica e, antes de mais, eles permitem dizer como essa síntese há-de ser feita. O autor parte da consideração de que existem três domínios fundamentais de teorização — a micro, a macro e a meso teorização — e, uma vez que é pouco provável que a sociologia venha a produzir por enquanto uma "teoria unificada do universo social", é nestes três níveis que se deve concentrar o esforço teórico (cfr. pág. 587). A distinção entre os níveis micro, macro e meso, presente "na mente dos teóricos", decorre fundamentalmente de necessidades analíticas. Os níveis micro e macro são constituídos por certas "dimensões básicas" a partir das quais se devem desenvolver as correspondentes teorias (cfr. pág. 587/8), mas importa reconhecer que eles têm também a capacidade de estabelecer, entre si, os limites e parâmetros (cfr. pág. 589). Neste contexto, as meso-teorias acabam por assumir um papel central. É que a elas cabe preencher, em certa medida, o hiato entre a micro e a macro-teoria e, assim, permitir compreender, por um lado, como é que os macro processos envolvem os micro processos e, por outro lado, como é que a dinâmica destes últimos limita o que se passa ao nível macro (*ibid.*). Em suma, a sua proposta supõe a necessidade de chegar a uma síntese teórica através de uma estratégia de articulação entre os níveis macro e micro, fazendo intervir as teorias de nível intermédio para preencher o hiato e ligar estes dois níveis entre si.

Três questões ainda. Os manuais de teorias sociológicas debatem-se, em regra, com o problema de como organizar, sistematizar e classificar o pensamento sociológico para dar uma visão geral das várias perspectivas teóricas. Tradicionalmente têm sido dados dois tipos de respostas a este problema. Um, a utilização

de critérios de base histórica, geográfica e casuística, de que é exemplo o clássico de Raymond Aron, *As Etapas do Pensamento Sociológico*. O outro, o agrupamento de regularidades em escolas, como em *Natureza e Tipos da Teoria Sociológica* de Don Martindale. Assumindo, com Turner, que é possível agrupar as várias teorias em perspectivas mais gerais que partilhem alguns traços em comum (e que fazer com os que não o são?), subsiste sempre o problema da arbitrariedade na escolha dos critérios que presidem a esses agrupamentos. Com efeito, para além do recurso às classificações mais ou menos "institucionais" partilhadas pela comunidade sociológica, existem decerto "lugares contraditórios" a propósito dos quais se torna possível questionar a opção seguida. Acresce ainda que uma organização de base temática integradora de várias teorias em função de áreas mais abstractas ou mais substantivas, obrigaria, por uma questão de coerência, a uma síntese até ao momento impossível de fazer. Nesta matéria, Turner segue uma solução pragmática e, quanto a nós acertada, própria de uma época em que os grandes paradigmas deixaram de hegemonizar a construção teórica e em que esta, cada vez mais, se faz a partir de contribuições marcadas por diversas origens. Essa solução consiste em limitar arbitrariamente o número das perspectivas abordadas e, ao mesmo tempo, proceder como se estas fossem separáveis (cfr. pág. 30).

Pelo exposto, esta obra de Turner apresenta uma dupla condição: a de um manual que sistematiza perspectivas teóricas e teorias e a de um texto reflexivo que veicula propostas sobre a forma como se há-de desenvolver a teoria sociológica. Deste modo, ele torna-se uma importante fonte de inspiração para os que concebem a teoria sociológica como algo mais do que a exposição de ideias, de autores e de escolas, ou seja, como um modo de explicar o universo social. Não sacrificando o rigor expositivo dos diversos quadros teóricos que aborda, Turner não se furta, no entanto, a correr o risco de formular algumas pistas para nortear a investigação e o desenvolvimento das teorias sociológicas. É o caso da discussão sobre a articulação dos níveis micro e macro através do nível meso de teorização.

Também a ideia, presente desde as últimas edições desta obra, de que a visão

original de Augusto Comte acerca de uma "ciência da sociedade" continua a ser viável (pág. 590), não comprometendo a leitura dos autores que Turner faz, cria a sensação, para quem lê este manual, de que se está perante mais um passo no sentido da "acumulação teórica" necessária à prossecução de uma teoria sociológica "madura" e ao avanço da sociologia como ciência. Neste sentido, pensamos detectar na posição de Jonathan Turner em relação à sociologia algo entre a intenção de Durkheim de fundar uma ciência social a partir dos modelos das

ciências naturais e a ideia do carácter inacabado do conhecimento científico tão cara a Weber.

Para concluir, resta assinalar a ausência nesta obra, com uma ressalva para Pierre Bourdieu, de autores franceses de reconhecida importância para a sociologia, como Alain Touraine, Raymond Boudon, Michel Crozier, Raymond Aron, entre outros. Decididamente, a teoria sociológica parece custar ainda hoje a libertar-se da matriz anglo-saxónica. ■

António Casimiro Ferreira 299